

Brasil está 40% menos competitivo

Para ficar no mercado, empresas optam por produzir cada vez mais no exterior

SANDRA NASCIMENTO
SÃO PAULO

A competitividade média dos produtos brasileiros no mercado externo acumula uma queda em torno de 40% no período entre 2002 e 2006, segundo estudo divulgado ontem pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), em conjunto com a Fundação Centro de Estudos para o Comércio Exterior (Funcex). “Essa queda faz com que os índices retornem a níveis inferiores a 1998”, disse diretor-executivo do Iedi, Julio Sérgio Gomes de Almeida. Ou seja, antes da crise cambial que, em janeiro de 1999, desvalorizou o real frente ao dólar em 40% (Ptax).

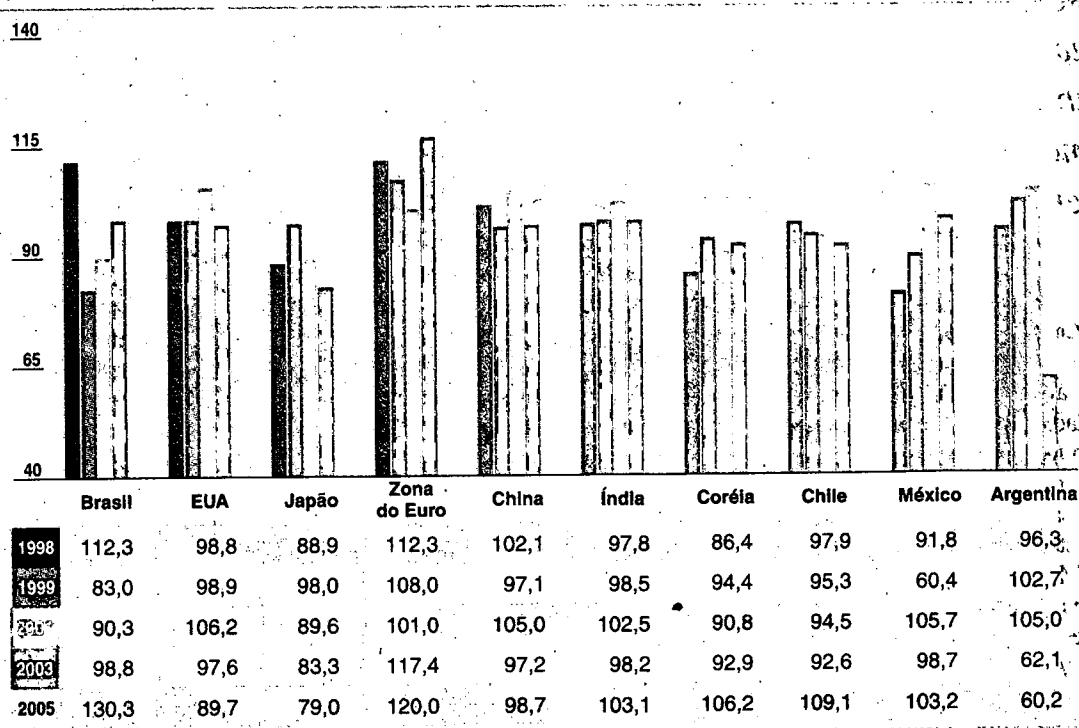
A moeda norte-americana fechou ontem a R\$ 2,06, nominalmente o mesmo valor registrado em fevereiro de 1999. Considerando-se a variação do IPCA no período, no entanto, os atuais R\$ 2,06 equivalem a R\$ 1,18 daquela época, ou seja, abaixo dos R\$ 1,20 registrado às vésperas da megadesvalorização. Se considerarmos a inflação do período nos Estados Unidos, com base no Índice de Preços ao Consumidor (IPC-EUA), os mesmos R\$ 2,06 de fevereiro de 1999 equivaleriam hoje a R\$ 2,51, outra forma de demonstrar que a moeda brasileira está supervalorizada.

O estudo divulgado ontem, intitulado “O colapso da atividade exportadora”, traz informações detalhadas por setor com dados de 1998 até o ano passado e utiliza por base um câmbio médio de R\$ 2,42 (2005). Em relação ao mercado norte-americano, a competitividade das exportações brasileiras recuou 30% e diante da União Européia (Zona do Euro, não inclui, portanto, o Reino Unido), 25,7%. “Com a continuidade da apreciação do real em 2006, esses números já superaram os 40%”, disse Almeida.

Considerando o ano de 2002 como base 100, o trabalho mostra que em 2003 o indicador de competitividade das exportações brasileiras no mercado norte-americano estava em 89,9, caindo para 84,5 em 2004 e 70,0 no ano passado. Na mesma base de comparação, o indicador para o mercado europeu ficou em 95,9 em 2003, 89,0 em 2004 e 74,3 em 2005.

A pesquisa avaliou também a competitividade do produto brasileiro por setor nos EUA. Em 2005, o setor siderúrgico estava

TAXA REAL EFETIVA DE CÂMBIO
(2000 = 100)



Fonte: ONU, World Economic Situation and Prospects, 2006

47,4% menos competitivo do que em 2000, o pior desempenho diante de cinco setores e 18 segmentos. O impacto da valorização do real foi menor nos setores de papel, celulose e gráfica, com perdas de 19,5% de competitividade. Já no mercado europeu todos os setores analisados tiveram desempenho próximo à média da região, ou seja, recuo em torno de 30%.

Segundo explicação dos economistas responsáveis pelo estudo, a metodologia do Índice de Competitividade utilizada leva em conta o cálculo da taxa de câmbio real da moeda brasileira em relação às moedas dos principais países que concorrem com o Brasil em

cada um dos mercados de destino. O índice para cada setor exportador é obtido por meio da média ponderada das taxas reais calculadas em relação aos principais países concorrentes no respectivo setor em cada um dos mercados de destino (EUA e Zona do Euro).

Presentes à divulgação do estudo, os representantes da Weg Motores (presidente Décio da Silva), da Marcopolo (vice-presidente corporativo José Antônio Fernandes Martins), da Sadia (presidente Walter Fontana Filho) e da Coteminas (Josué Gomes da Silva, principal acionista da empresa e também presidente do Iedi) – empresas entre as maiores do

mundo em seus setores de atuação – revelaram que, de uma forma ou de outra, estão sendo obrigados pelo câmbio desfavorável a obter por uma internacionalização defensiva, ou seja, o que antes era uma estratégia logística, agora é necessidade. O resultado: menos emprego no Brasil.

“Nossa ideia de internacionalização era termos empresas espalhadas por todo o mundo e exportar o CKD (partes e peças)”, disse o vice-presidente da Marcopolo, fabricante de ônibus e carrocerias presente em sete países. “Hoje isso não será mais possível”, acrescentou. De agora em diante, os empregos gerados pela empresa serão no exterior.